

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRETORES E PROPRIETARIOS:—LYSTER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Administrador, — J. P. Sousa — Editor, — L. Franco

Publica-se ás quartas e sabados

Redação, administração, composição e impressão

Tipografia Democratica, Rna 1.º de Dezembro — FARO

ASSINATURAS:—Trimestre 50 centavos — COMUNICADOS E ANÚNCIOS:—
Cada linha 2 centavos. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial.
Publicam-se todas as informações de interesse geral.

Politica local

EM DUAS PALAVRAS

Nesta luta renhida e incessante, em que, muito espontaneamente nos envolvemos, em defeza dos mais lidimos principios da Democracia e da Republica, evidenciamos, bem claramente já, que não nos impeliam interesses pessoais de qualquer natureza, nem nos impulsionava gananciosa furia de prejudicar quem quer que fosse.

Cedendo ao espirito de combatividade, acamaradamos com esse trabalhador digno, desinteressado e honesto, que é o dr. João Pedro de Sousa, e fundámos *O Heraldo*, orientando-o nos principios democraticos por nos parecerem taes principios politicos o que melhor e mais solida garantia offereciam para a conquista evolutiva das mais amplas liberdades publicas.

Nas colunas deste jornal temos honrosa e dignamente combatido todos os despotas, todos os reaccionarios, todos os falsos republicanos e toda a matilha ignobil constituída por aqueles que, á semelhança dos vendiões do Templo, ingressaram no regimen republicano unica e simplesmente para satisfazerem as excessivas ambições da sua vaidade doentia, ou amontuarem alguns cobres servindo empregos para que não teem competencia.

Traçando o programa que propunhamos seguir, e que até hoje temos mantido, atravez de todas as dificuldades e obstaculos, sem desanimos de qualquer especie, eis o que escrevemos no editorial do nosso primeiro numero, e que muito conveniente julgamos recordar neste momento, em que os intriguistas de todos os campos politicos tratam de assegurar o seu triumpho, semeando profundas indisposições e creando em volta de quantos desejam trabalhar a favor da Republica uma atmosfera de odios e de suspeição:

«Enfileirando modestamente junto dos jornaes democraticos, *O Heraldo* propõe-se não só a defender e a propagar os principios da mais pura democracia, taes como devem existir numa Republica feita pelo Povo e para o Povo, mas tambem a concorrer, quanto em suas forças caiba, para que se estreitem e solidifiquem os laços de boa camaradagem que devem existir entre todos os que amando a Republica, sabem colocar acima das pugnas politicas, sempre mesquinhas e estereis, o prestigio das novas Instituições e a integridade da Patria.

Não podia *O Heraldo* ter outra norma com os homens que assumem a sua direção e que, ainda nos tempos anteriores ao glorioso Cinco de Outubro, não por despeitos nem por insatisfeitas ambições, mas sim impulsionados pela poderosa forga resultante da evidencia dos factos, se tinham afeito a considerar o illustre estadista Dr. Afonso Costa como

o mais lidimo representante do ideal democratico.

Acentuamos assim, logo de começo, que não pertenciamos a essa comparsaria ridicula, que enxameia em todos os partidos politicos, que se ocupa em mendigar empregos e que presta serviços—quando os presta,—só com a mira em belas e chorudas recompensas.

Nós, não! Nada mais pretendemos da Republica do que o integral cumprimento das promessas feitas ao Povo pelos seus tribunos.

Nada mais queremos da Democracia do que a estabilidade purissima dos seus principios liberaes e incorruptiveis.

Não, carecemos de empregos, nem para acudir ás parcas exigências da nossa vida modesta, aquecida pelo fogo purificador do trabalho, precisamos de outra remuneração além daquela que dignamente auferimos no honrado desempenho das nossas profissões.

A prova evidentissima desta asserção, que ninguém pode contestar, encontra-se na coleção do nosso jornal, e demonstra-se facilmente com o testemunho de todos aqueles que, desde Cinco de Outubro, teem presidido a este distrito.

A defeza da Republica mereceu-nos especiaes desvelos, que a muitos chegaram a parecer excessivos, mas que a evidencia demonstrou depois serem verdadeiros e justificados.

As legitimas aspirações do Povo e os interesses do Algarve, em regra tão esquecido pelos poderes publicos, teem no *Heraldo* um defensor persistente e tenaz, sempre pronto a pugnar sem faciosismos, pela justiça e pela liberdade.

Temos profiado em ser inergicos e imparciaes, não nos esquecendo de ser cortezes, como cumpre aos que labutam nas colunas de um jornal moderno.

E' por isso que temõs desprezado por completo toda a intriga de toupeiras urdida em volta de nós pelos invejosos reaccionarios, bestificados pela demorada permanencia em antros jesuiticos e por certos pseudo-democratas, que apenas usam da politica para sua utilidade propria e satisfação do mais risivel exhibicionismo.

Obstinam-se tão sympathicas creaturas em amesquinhar os nossos serviços, lançando traiçoeiramente á nossa responsabilidade factos de que só eles foram os culpados e cujo odioso soberam jesuiticamente evitar, simulando um desacordo com a nossa orientação, que, no final de contas, foi sempre rigorosamente pautada pelos preceitos e praxes que nos impunha o programa que defendemos.

A par desta singular campanha, que não merecemos e que só serviu para evidenciar a mesquize de certos caracteres, tivemos ainda que defrontarmo-nos com alguns facinorosos escribas, temulentos e

desqualificados burguezes, que, esquecendo o respeito e os valiosos favores que nos deviam, por todas as formas e sob todos os pretextos tentaram vomitar sobre nós a peçonha virulenta que lhes peja a mioleira sandia e corrupta, onde só germinam vaidades, hipocrisias e invejas.

Mas era tão poderosa a justiça que nos assistia e tão inabalaveis as nossas convicções, que taes campanhas resultaram estereis, servindo apenas para colocar em destaque os traiçoeiros processos de tão indignos e desleaes adversarios.

Hoje, como hontem, podemos-nos orgulhar de estarem a nosso lado todos os verdadeiros republicanos; todos os democratas sinceros e honestos, que as desejam prosperidades do regimen.

Para sua defeza e de todos aqueles que lealmente procuram bem servir a Republica, se fundou *O Heraldo*.

E é escusado acentuar que *O Heraldo*, atravez de todos os perigos e vicissitudes, tem sabido sempre cumprir o seu dever, defendendo a Democracia e a Republica e os seus vultos mais prestimosos e desinteressados.

LYSTER FRANCO.

CAÑCIONEIRO DO POVO

A capa dos estudantes
E' como um jardim de flores,
Toda cheia de remeudos
De pano de varias cores.

O amor dos estudantes
Não dura mais que uma hora;
Toca o sino, vão para a aula,
Vem as férias, vão-se embora.

Aconteceu em Coimbra
Um caso muito galante:
Uma andorinha fez ninho
Nas barbas de um estudante.

NOTAS E COMENTARIOS

Comissão Municipal

Os nomes que vieram alterados no *Diario do Governo*, relativamente aos vogaes substitutos da Comissão Municipal de Faro, são os dos nossos presados correligionarios, cidadãos Manuel Rodrigues Corvo e Antonio Martins Paula.

Proezas dos reaccionarios

Em Mamarrosa o povo fanatisado pelas predicas de um padre reaccionario, que a todo o transe se nega a reconhecer a autoridade da cultura, tem feito partidasabolicas aos livres pensadores e republicanos da localidade.

Depois de praticarem os maiores vandalismismos nas propriedades dos adversarios, resolveram caça-los a tiro, e, uma noite destas, espingardaram em plena rua um dos cidadãos que fazem parte da associação cultural e que ficou gravemente ferido.

O repugnante atentado deu-se numa das ruas mais concorridas da povoação, e o agredido é um cidadão geralmente bem-quisto, pacato e inofensivo.

Decididamente estão desaforados, estes reaccionarios de Mamarrosa.

E lembrar-se a gente de que todas estas proezas eles cometem em nome de um deus de bondade, de paz e de amor!

Cantando

A opposição evolucionista, que no parlamento não tem cessado de evidenciar a sua inutilidade, resolveu fazer obstruccionismo, arvorar o nosso inconfundível amigo Gil em régua-rega e... cantar a *Portuguesa*.

E' como se vê, um programa divertidissimo, que mete num chinelo o de muitos animatografos.

Cantar a *Portuguesa* ao mesmo tempo

que se dificulta e põe entraves á marcha do governo, é uma ideia realmente sublime. Bem sabemos nós, quem lá irá cantar o *bemdito* ou ajudar á missa, se os ruins fados, que tanto ameaçam esta Patria infeliz, arremessarem algum dia para o parlamento um tão supino e enxundioso genio!

Gesto malogrado

Assim pode chamar-se ao estúpido e barbaro atentado da rua do Carmo, que apezar de toda a sua brutalidade não conseguiu prejudicar o brillantismo das festas da capital.

E' que o povo de Lisboa é republicano e como tal possui a serenidade precisa para defrontar-se com todos os maneios dos reaccionarios e de quantos pseudo-republicanos fazem o jogo destes.

Homenagem justa

Os habitantes de Vila Nova de Portimão, altamente sensibilizados pela attitudem assumida pelo nosso impagavel dr. Gil, no parlamento, ao tratar-se do projeto dos melhoramentos relativos áquella vila, deliberou abrir uma subscrição publica para perpetuar através dos tempos, a memoria sublime de tão inclito varão.

Com o produto de tal subscrição, levantar-se-ha, sem demora, um monumento ao nosso amigo Gil, que será representado em attitudem demostenica, com o chapéu alto ás tres pancadas, o braço direito amplamente estendido e o esquerdo apoiado no cano da historica espingarda com que o irrequieto deputado tencionava matar, na semana dos nove dias, o sr. Afonso Costa.

Num dos socacos do pedestal será representado um homem, tipo de lavrador, escrevendo numa pedra este lema inconfundivel: *E assim sucessivamente*.

Louvamos os habitantes de Portimão pelo seu gesto de sympathia e dedicação ao mais glorioso representante do Algarve no parlamento.

Arquivando

Por ser da mais alta importancia, arquivamos hoje nas colunas do *Heraldo* a carta dirigida ha dias ao *Seculo* pelo nosso illustre correligionario dr. Alfredo de Magalhães, a proposito da sindicancia ao ministerio das colonias:

«... Sr. redator.—Eu disse ha dias na «Capitula» que a chamada questão das colonias—a grande questão—ia começar agora. Assim é.

Quando fiz a primeira conferencia no Teatro Nacional era ainda governador geral de Moçambique; disse muito porque era preciso dizê-lo, por mais que me sacrificasse; mas, sr. redator, disse bem menos do que podia...

Não esqueço pessoas. Encarando de alto o problema mais delicado e grave da nossa administração, verberei um sistema que em minha conciencia e na opinião de todos os colonias bonitos, é essencialmente fucado na corrupção. Vem depois o inquerito; eutendi que devia calar-me e aguardar o desfecho dele.

Considerações de ordem politica que julgo elevada, obrigaram-me a excluir do meu libelo os ministros do ultramar do actual regimen, embora eu pense que neobuma especie de solidariedade pelo haver entre a Republica e aqueles que, em vez de a servirem, a comprometem.

Hoje quebro todas as peles; elas não teem já a minima razão de ser. Excepcionalmente o sr. dr. Afonso Costa, que ninguém neste momento extraordinario e singular da politica portuguesa tem o direito de perturbar ante o compromisso soleno que a ex.ª coutrau com o paiz quando tomou conta do governo, todos os demais ministros são para mim perfeitamente discutíveis. Refiro-me aos que estão presentemente no poder e aos que estiveram já; e acrescentarei, para que os meus sentimentos não sejam deturpados, que são de caracter patriótico e nada pessoal as considerações que determinam a minha especial attitudem em relação ao sr. presidente do ministerio, a quem não devo nenhum favor nem espero deve-lo.

Esta tarde foi presente ao parlamento o relatório do estrebado inquerito ás direções geraes do ministerio das colonias; e num jornal da noite são já publicadas as respectivas conclusões, acompanhadas de considerandos varios.

Quarta-feira, porque não pode ser mais cedo, eu direi e demonstrarei o significado moral e social dessa monstruosidade, em conferencia publica, que admitte contraditório, e para a qual não deixarei de convidar o governo, os senhores deputados, e senadores, Cerveira de Albuquerque, Freire de Andrade, Eusebio da Fonseca, o functionalismo todo do ministerio das colonias e o sr. dr. Augusto Soares, ajudante do procurador da Republica, encarregado do inquerito.

Eis a minha attitudem. A opinião incorruptivel e soberana dirá depressa se sem rubor quem é que vai sentar-se no banco dos réus...

Sou, com verdadeira consideração de v... etc, Alfredo de Magalhães.

O caso Machado dos Santos

O sr. dr. Alfeu da Cruz, director da policia de investigação criminal, ouviu já os depoimentos do senador, capitão Pala, e do revolucionario João Borges, acerca da accusação feita no parlamento pelo sr. dr. Manuel Alegre contra o sr. Machado dos Santos, accusando-o de ter aliado o regimen de infantaria 34, estacionado em Aveiro, para matar o dr. Afonso Costa e o dr. Bernardino Machado.

As declarações foram reduzidas a auto.

Instantaneos

ANTES E DEPOIS... DO CHOCOLATE

ANTES

—E' nosso! Todo nosso! Completamente nosso!

Assim que ele cá chegou, deixei passar a avalanche dos correligionarios e fui, depois, estireito-lo em meus braços, com o amor e o carinho que se deve a um coodiscipulo querido, a um carater bem formado e justo.

Oh! Desfiz-me em lagrimas de alegria perante a expectativa de que ele, sendo nosso, completamente nosso, sendo, numa palavra, um velho amigo, dos bons tempos de Coimbra, havia de dispensar-nos tudo o seu valimento em quantas pirraças nos dispuzessemos a pregar nas bochechas lividas dos seus reles correligionarios!

DEPOIS

Nunca se viu alma mais danada, espirito mais vingativo e facioso! As arbitrariedades chovem, os nossos amiguinhos, longo tempo habituados á pilanica de um mandarinato comodo, foram escorraçados sem piedade!

Oh! Cruel, desleal e ingrato amigo, que assim nos deixas, sem talvez que o pranto te inunde as faces!...

Agora, precisamente quando mais carecíamos da tua incondicional protecção é que passas aos nossos amigos um cruel mandado de despejo!

E nós a invocarmos os velhos tempos das patuscadas coimbrãs, e nós a lembrarmos, cheios de saudade, os inolvidaveis tempos em que, na tua, flauteavamos a teu lado!

Decididamente a amizade é uma essencia que se evapora com facilidade na atmosfera da politica.

Churemos, meus amados irmãos, a perda desta sedutora illusão, este brusco acordado para a realidade, de que nos tinha afastado a nossa fantasiosa e ardente mioleira!...

Filistrino.

Carta de Lisboa

COISAS E LOISAS—OPINIÕES, BOATOS E SENTENÇAS—O MOVIMENTO DE 27 DE ABRIL—UMA VERSÃO—MONARQUICOS E REPUBLICANOS FALHOS DE «CÁCO»—MARIO MONTEIRO, O EX-AMIGO DE D. MANOEL—ANDRÉA, O MALOGRADO MINISTRO DAS COLONIAS, E OS OUTROS CARECILLHAS DA CONSPIRATA—POLITICOS CONTENTES E DESCONTENTES—O QUE SE OIZ E ETC. ETC. ETC.

Que diga eu coisas, instam os meus amigos na sua ancia sempre crescente de bem informar os cinco mil leitores do *Heraldo*. Que posso dizer-lhes que os meus amigos já não estejam fartos de saber?

Afastado da politica, apenas sei da mesma o que toda a gente sabe. Ha dias fui informado de um caso politico que se deu em Lisboa, por um amigo meu, recentemente chegado do Japão!

Por isto podem os meus amigos calcular a minha sapiencia relativamente ao que por aqui se passa.

De resto, meus caros, se se desse attenção a tudo quanto se ouve dizer, não chegaria o tempo para mais nada; são tantos os boatos, as opiniões contrarias, as sentenças, as coisas que correm de boca em boca que uma pessoa iria parar a uma casa de saude se caísse na patetice de se interessar por tudo que lhe dizem e ouve por essas ruas de Lisboa.

O que se disse acerca do grave e *paparretico* movimento de 27 de Abril! Tantas e tão desencontradas coisas, saoto Deus! Mas o que mais notas teve, o que mais vizes de verdade apresenta, é aquelle em que se afirma que, dados os procedentes e os caracteres dos principaes dirigentes do movimento, Mario Monteiro, Andréa, general Guedes etc, este era encapotadamente monarchico, arrastando sinceros republicanos, uns por ignorancia e absoluta falta de cáco, outros levados por sentimentos de despeito e vaidades de mando.

Mario Monteiro é politicamente um *apache* e não repugna aceitar que trabalhe a soldo por conta dos monarchicos.

Este magico, quinze dias antes de proclamada a Republica, afirmava nos carros

11803 *Lôbaris Fern.*, Rua Sara de Almeida, 78. — PORTO: *Livraria Chardron*, Rua das Carmelitas, 154. — COIMBRA: *Livraria Franco Alvado*, Rua Ferreira Borges, 115.